

UTOPIA URBANA

45 anos depois...

Brasília, 11 de abril de 2061

"Construído em 2015 e inaugurado em 2016, lembro-me da primeira vez que visitei o Residential Shopping, ou "R\$": como é conhecido agora.

Idealizado para ser um oásis no meio do cerrado brasileiro, o R\$ tinha uma proposta ousada e carismática. Em uma área de 12,56km², foi construído um gigantesco condomínio de luxo que abrigava cerca de 400 mansões mobiladas com o que havia de mais tecnológico na época. Entre suas atrações encontravam-se: uma réplica fiel do extinto Jardim do Palácio de Versalhes; uma praia artificial com mais de 2 quilômetros de extensão; uma pista de esqui no alto de uma montanha nevada (também artificial); uma selva (artificial) com espécies de flora e fauna, hoje extintas, como por exemplo o rinoceronte asiático, a arara azul e o urso polar; universidade; clínica de estética e campos de golfe. Tudo cercado uma belíssima reprodução de um *chateau* francês que abrigava o maior shopping center das Américas. No Versailles Shopping Center, os moradores e visitantes podiam encontrar artigos para o lar à concessionárias de carro.

O Condomínio Residential Shopping era isolado do resto do mundo por uma grande cúpula que, além de purificar o ar, controlava o clima e a temperatura. Na época do Natal, fazia nevar; nos fins de semana e feriados, um sol (filtrado) de rachar fazia a alegria de quem gostava de praia - uma tecnologia inédita em 2016. Nenhum lugar do planeta abrigava um projeto tão megalomaniaco como aquele. Para comprar uma das mansões dentro do condomínio, o cliente deveria entrar em uma lista de espera que contava com o nome de mais de 100 mil famílias. Os candidatos a moradores eram analisados por uma comissão e se fossem contemplados, poderiam desfrutar do maior empreendimento residencial e comercial da Era Pós-Moderna.

De 2016 a 2029, o R\$ era aberto para moradores e visitantes. Em sua inauguração, no dia 21 de abril de 2016, um congestionamento de mais de 300 quilômetros formou-se diante de seus portões. Eram consumidores curiosos para visitar e conhecer o R\$. A cúpula poderia ser vista de muito longe, o local tornou-se um ponto de turismo da região de Brasília. Não era permitida a entrada

da a pé e o único transporte coletivo era o que levava e trazia os funcionários, uma grande caminhonete apelidada de "Camburão". Nesse período que permaneceu aberto, o R\$ tinha a maior concentração e a maior circulação de dinheiro do país. Porém, com o Colapso de 29, mudanças urgentes precisaram ser feitas.

Com o superaquecimento sofrido por nosso planeta durante a primeira metade do século XXI, parte das calotas polares derreteram, aumentando o nível do mar e atingindo muitas cidades litorâneas, como Nova York e Rio de Janeiro. Estima-se que esse cataclismo tenha afetado mais de um bilhão de pessoas em outubro de 2029. Com mudanças climáticas extremas, parte da crosta terrestre se tornou infértil para o plantio de lavouras e em pouco tempo, a falta de alimento já afetava praticamente todos os continentes. Essa época ficou conhecida como o Colapso de 29. Bolsas quebraram, bilionários faliram e 48% das pessoas passaram a viver em estado de pobreza ou pobreza extrema. Neste período, muitos moradores e logistas do R\$ não conseguiram se manter e tiveram que abandonar o condomínio, dando espaço a outros logistas e outros moradores.

Como a crise econômica em 2029 arrastou grandes potências mundiais e paralisou fiscais para o caos, o Condomínio R\$ decidiu fechar suas portas. Como sua geodésica, por meio de computadores de alta tecnologia, conseguia controlar a temperatura e o clima do interior, um grande terreno foi escolhido para alojar a primeira trans-fazenda do mundo, com animais e hortaliças criados em laboratório. Na cidade subterrânea, onde moravam os empregados do R\$ em casas-alojamentos, foram instaladas dezenas de usinas: textil, combustíveis, alimentícia, entre outras. Em pouco mais de cinco anos, o R\$ já produzia 100% de tudo que era consumido dentro do condomínio. Os visitantes não eram mais permitidos, porém os moradores podiam sair para visitar familiares ou viajar de férias. Mas, com o tempo, a necessidade de sair do R\$ ficou muito garriscada. Não havia nada do lado de fora que fosse mais atrativo que o lado de dentro. Enquanto o resto do mundo tentava se reerguer, o condomínio de luxo continuava com sua neve de freon todo dezembro, lançando no ar cheiro de

rabanada e pernil. Nos anos que se sucederam, centenas de famílias se aglomeraram em volta do R\$ construindo barracos e casebres. Em pouco menos de uma década, várias favelas (ou Burgos, como ficaram conhecidos) abrigavam mais de 90 mil habitantes ao redor dos muros do condomínio. Hoje, com quase 300 mil burgueses, os Burgos sobrevivem exclusivamente do lixo expelido pelo Condomínio R\$. São descartados por mês, toneladas de metal, tecidos, madeira, sobras de comida... Tudo é doado pela AMORS - Associação de Moradores do Residential Shopping - nas campanhas "Separe seu lixo, ajude um burguês!"

Ao longo dos anos, diversos movimentos populares (alguns pacíficos, outros bastante violentos) tentaram fazer com que as portas fossem reabertas, mas em vão. Os moradores (isso incluindo funcionários, lojistas, atendentes, seguradoras, crianças, idosos) ficaram tanto tempo sob a cúpula que purificava o ar, que seus alvéolos, filtros naturais do pulmão, não conseguiram mais filtrar o ar poluído do lado externo da cúpula. Um estudo científico comprovou que 54% dos moradores do R\$ que tiveram contato com o exterior por mais de 24 horas, desenvolveu algum tipo de doença crônica respiratória. Por isso, o R\$ decidiu fechar suas portas de vez. Desde então, ninguém entra e ninguém sai.

Há mais de 20 anos, tento contato com AMORS para fazer um documentário sobre a vida dos moradores do condomínio. A resposta é sempre a mesma: "Por questão de segurança, não é permitida a entrada e a saída de pessoas do Condomínio Residential Shopping. Att, R\$"

Correm boatos de que o Condomínio está em processo de independência. "

Relato de Diego de Leon

